



Avaliação
Quanti/Quali
do contexto das/os

terapeutas ocupacionais

da Bahia



CREFITO7

Conselho Regional de Fisioterapia e
Terapia Ocupacional da 7ª Região



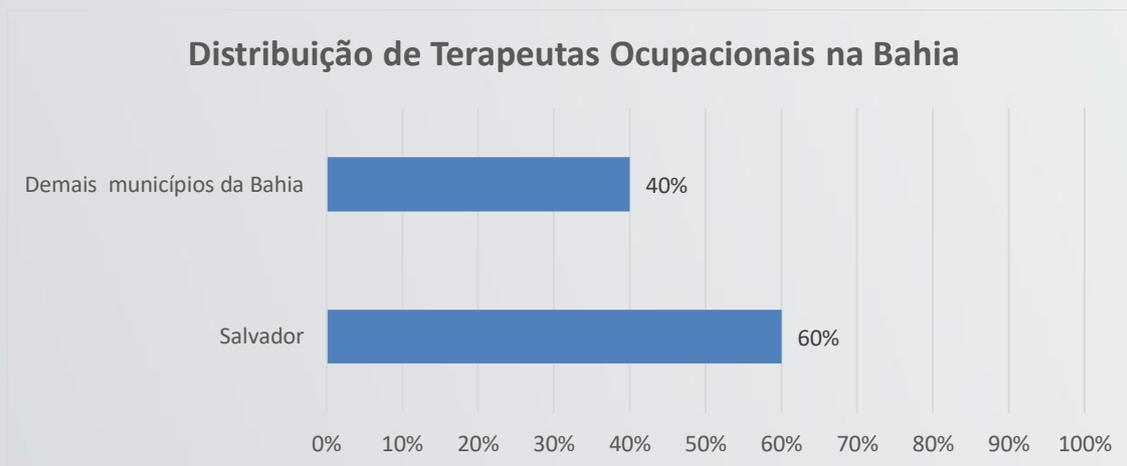
Esse relatório apresenta os resultados da pesquisa realizada em 2018/2019 por conselheiras e apoiadoras/es terapeutas ocupacionais no intuito de investigar o contexto em que se inserem os/as profissionais no Estado, e assim pensar em ações do CREFITO-7 mais direcionadas e coerentes com as necessidades dos profissionais nas diversas regiões e áreas de atuação.

A pesquisa foi realizada através de um questionário estruturado com diversas questões que abrangem o processo formativo, a área de trabalho, vínculo empregatício, sugestões para a atuação do conselho, entre outros. O questionário foi enviado para os/as profissionais através de e-mails e divulgado em redes sociais com prazo estabelecido para preenchimento e retorno. Vale ressaltar, para uma melhor compreensão dos dados quantitativos, que em algumas questões o profissional poderia marcar em mais de um item.

Um ponto que chamou atenção foi a quantidade ínfima de profissionais que aderiram à pesquisa: em um quantitativo de aproximadamente 500 profissionais no estado da Bahia, somente 38 profissionais responderam (a pesquisa), ou seja, adesão de menos de 10 por cento dos profissionais inscritos no CREFITO-7. Considerando que o instrumento utilizado não era longo demais, que durava em média 5 minutos, nem tinha uma linguagem complicada, conclui-se que a baixa taxa de resposta reflete a precariedade do envolvimento dos/as profissionais com a mobilização da categoria. Não pretendemos, com isso, generalizar a crítica, porém é um ponto que se destaca no presente questionário e nas narrativas de diversos/as profissionais mais empenhados em frentes como conselho, associação, entre outras. Dos 38 questionários respondidos, somente 04 profissionais declararam fazer parte de entidade representativa da Terapia Ocupacional.

Distribuição dos Terapeutas Ocupacionais no Estado

O dado que se refere ao local de moradia das/os profissionais, em um conjunto de 38 profissionais: 23 residem em Salvador e 15 no interior do estado. Apesar de o número maior de questionário respondido em Salvador (60%), o excedente aponta uma boa adesão dos profissionais que atuam no interior do Estado. Mostra, também, a necessidade de investimento do CREFITO-7 em atividades que se ramifiquem para o interior do estado de modo a contemplar de modo mais ampliado as/os profissionais.



Análise dos dados do questionário

Em relação ao investimento em Educação Continuada/Permanente, todas/os respondentes cursaram pós-graduação, sendo 07 na modalidade de residência multiprofissional, 30 na modalidade de especialização lato sensu e 08 na modalidade strictu sensu (07 mestrado e 01 doutorado). Revela o empenho dos/as profissionais na continuidade do processo formativo, um dado positivo no que se refere à qualificação das profissionais garantindo em alguma medida uma melhor resposta no âmbito profissional.

Entretanto, apesar de muito importante, esse processo formativo acontece no nível das competências técnico-operativas na sua maioria. Poucas/os investiram na dimensão investigativa, aquela que permite ao profissional construir respostas que não apenas atendam às demandas, e permite a categoria profissional alcançar novas legitimidades. Também, o fato de que, como mostra a pesquisa, é um grupo de formação técnica jovem, a maioria (76%) com a menos de 10 anos de exercício profissional. Nesta fase da vida profissional, encontram-se os que estão buscando se qualificar nas áreas de seu interesse com o olhar para o futuro do mercado de trabalho.

Com relação ao título de especialista vinculado ao COFFITO, somente 06 (16%) têm este título: 02 em acupuntura, 02 no âmbito social e 02 na saúde mental. Ressalta-se aqui talvez a necessidade do investimento em uma maior divulgação das atividades do COFFITO, assim como uma maior implicação das profissionais de investir na realização das provas de especialista que



são validadas pelas Associações e COFFITO, pois, de alguma forma, o título garante a/ao profissional a legitimidade de uma relação mais orgânica com a categoria.



Relativo à frequência com que a/o profissional dedica a sua formação, somente uma profissional declarou não investir periodicamente na formação profissional, entretanto a mesma alega que os cursos de aperfeiçoamento acontecem na capital e região metropolitana, o que não favorece a participação dos profissionais que atuam em outras regiões. Essa alegação corrobora com a importância de fortalecimento de Associações Técnicas/Culturais.

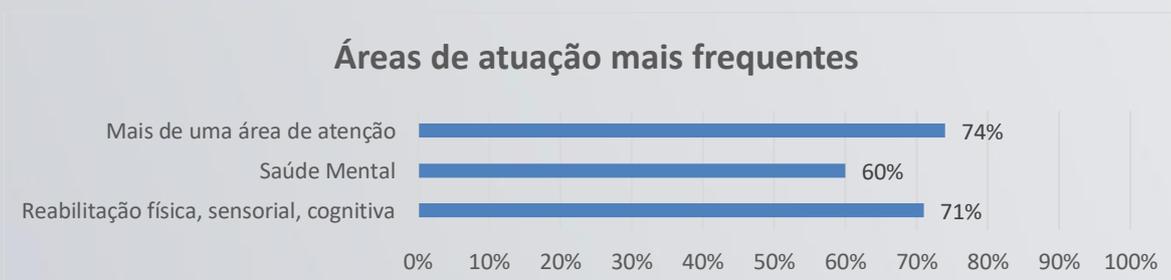
A dimensão referente à Experiência Profissional das/os terapeutas ocupacionais, o questionário evidencia que:

- **O grande empregador** é o setor público (74%), entretanto, mais da metade dos participantes trabalha em mais de um local (66%). Nessa conjuntura, levantam-se alguns questionamentos, tais como: esses profissionais têm tido jornadas extenuantes e como vêm se adaptando a essa realidade? Como são as condições de trabalho? Como são as relações de trabalho e poder? Existe redução da autonomia na expressão de suas ideias e na atuação? Essas podem ser algumas das preocupações.





- Em relação ao local de trabalho**, os profissionais informaram que trabalham em: clínicas privadas (12), seguido de CAPS (11) e consultório (11). Depois vêm os CER (08) e atenção domiciliar (08). Com 04 respostas marcadas temos: ambulatório, escola, hospital especializado e NASF. Com 03: Centro de Referência; com 02: hospital; e por fim com 01: home care, oficina de órteses e adaptações, sistema prisional, unidade de acolhimento e IES. Estes dados indicam uma questão interessante, pois como o setor público é o que mais emprega, os terapeutas ocupacionais estão distribuídos em serviços diversos. Importante também perceber que as clínicas e consultórios estão com boa empregabilidade da categoria. Em contraposição, os dados revelam as brechas em que seria importante a profissão aparecer mais socialmente, como, por exemplo, a atenção domiciliar. A atenção domiciliar e a escola são locais em que a Terapia Ocupacional já possui socialmente uma marca, porém não aparecem nesse recorte de um modo mais amplo.
- As áreas de atuação mais frequentes** são as de reabilitação física, sensorial, cognitiva (71%) seguido de saúde mental (60%) sendo que a maioria está em mais de uma área de atenção (74%). Esse dado nos faz acreditar que a Terapia Ocupacional permanece centrada na reabilitação dos seus componentes físicos e mentais. Esta seção (complementa e ratifica a análise do parágrafo anterior que) revela uma concentração de profissionais em um determinado âmbito apontando para uma certa urgência de se pensar em como ampliar o alcance da profissão. Outro aspecto importante que apareceu é que só 5.3% se colocam como gestora.



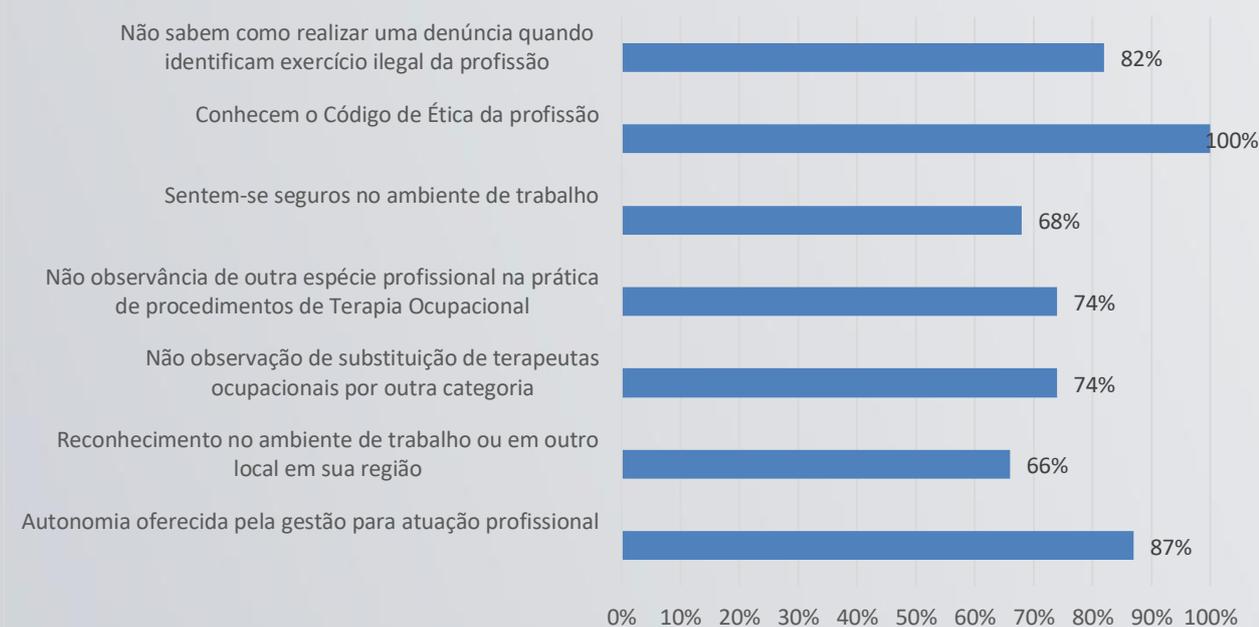


- **Em relação à idade da clientela atendida**, a seção ciclo de vida mostra que a idade do público demandante se equilibra em recém-nascidos (13), criança (29), adolescente (25), adulto (26), e idoso (22) mostrando uma certa inclinação para o público das crianças. Chama atenção que 24% dos profissionais atendem a todos os ciclos de vida, provavelmente reflexo no número ínfimo de profissionais no Estado.

No tocante às **potencialidades e desafios encontrados no ambiente de trabalho**, aparecem como **ponto forte (de modo mais expressivo)**:

- Autonomia oferecida pela gestão para atuação profissional (87%);
- Reconhecimento no ambiente de trabalho ou em outro local em sua região (66%), dado que corrobora com a não observação de substituição de Terapeutas Ocupacionais por outra categoria (74%). Também é positivo a não observância de outra espécie profissional na prática de procedimentos de Terapia Ocupacional (74%);
- A maioria se sente seguro no seu ambiente de trabalho (68%);
- Todas as participantes dizem conhecer o código de ética da profissão, mas nem todas sabem como realizar uma denúncia quando identificam exercício ilegal da profissão (82%).

Potencialidades e desafios encontrados no ambiente de trabalho





Os pontos de maiores fragilidades encontradas foram:

- A gestão nem sempre oferece aperfeiçoamento na área – 23% nunca ofereceram aperfeiçoamento;
- Não recebe ou recebe pouco incentivo para realizar aperfeiçoamento na área (71%);
- Infraestrutura insuficiente para realização do trabalho (55%);
- Recursos materiais insuficientes para atuação (66%);
- 55% dos profissionais não utilizam equipamentos de proteção individual (EPI) no cotidiano de trabalho, assim como também tais equipamentos não são oferecidos (76%). É importante lembrar que o questionário foi aplicado em 2018, período anterior à pandemia da COVID-19, mas, mesmo assim, será que o profissional está atento à sua própria saúde?
- 74% dos profissionais nunca ou fizeram pouca produção de material científico e 71% ou não divulgam ou divulgam raramente seu trabalho em mídias sociais;
- Somente 5.3% dos profissionais vivenciam a profissão no campo da gestão, o que nos leva a achar que a competência na gestão está muito longe da identidade profissional desejada, visão corroborada quando:
 - 42% dos profissionais se sentem aptos para atuar na gestão, mas interessante notar que 37% acham que a ação de gestão não se aplica na sua atuação, assim como não se aplicam o reconhecimento como gestor/a (63%) nem a contribuição que a formação acadêmica possa ter dado para seu papel como gestor/a (55%);
 - 39% dos profissionais participam das decisões do seu local de trabalho como gestores/as;
 - 68% dos profissionais acham que o sentimento de distanciamento da profissão de terapeuta ocupacional enquanto estão na gestão não se aplica.

Essa fragilidade específica (gestão), se confirmada, merece atenção especial visto que, na perspectiva da saúde coletiva atual, a gestão é feita por todos, tem como base o entendimento de que resulta da relação dialógica com o outro, não podendo limitar-se à própria esfera de atuação.



Maiores fragilidades





Com relação às atividades e recursos utilizados no exercício da profissão:

- Referente a **instrumentos de avaliação**, somente 2,6% utilizam algum instrumento estruturado de avaliação de TO. O restante ou não utiliza, ou utiliza pouco (68%), ou não aplica (2,6%) provavelmente porque não existem instrumentos estruturados de terapia ocupacional na sua área de atuação (2,6%). 66% dos profissionais não utilizam ou utilizam pouco outros instrumentos de avaliação;
- 68% terapeutas ocupacionais não fazem nenhum tipo de avaliação de processo e ambiente de trabalho;
- 66% das profissionais utilizam o projeto terapêutico singular como método de trabalho, porém não utilizam instrumento de avaliação específico da TO. Esse dado apresenta uma importante sinalização da necessidade de se investir na apropriação de instrumentos específicos da profissão, pois, entre outras coisas, tem importância central para a manutenção da profissão enquanto ciência;
- 92% participam das reuniões com a equipe multiprofissional;
- 87% discutem suas atividades e os casos que atendem com outros colegas terapeutas ocupacionais;
- 18% dos profissionais realizam parecer pericial do trabalho;
- 82% utilizam tecnologias assistivas com a clientela que atendem;
- 53% orientam ou confeccionam adaptações/órteses/próteses;
- Um/a único/a profissional não orienta a clientela em relação às atividades da vida diária e atividades instrumentais de vida diária;
- 60% utilizam como recurso terapêutico a estimulação precoce;
- 39,5% utilizam como recurso terapêutico a Integração Sensorial de Ayres;
- 45% utilizam alguma das Práticas Integrativas e Complementares como recurso terapêutico;
- Apesar de 95% dos profissionais declararem que seus atendimentos são essencialmente individuais, 87% fazem grupos e/ou oficinas, pelo menos, algumas vezes.
- 76% acompanham ou orientam o paciente no contexto escolar;
- 74% têm atuação no território onde trabalham;
- 29% participam de algum espaço coletivo de controle social.



Atividades e recursos utilizados no exercício da profissão





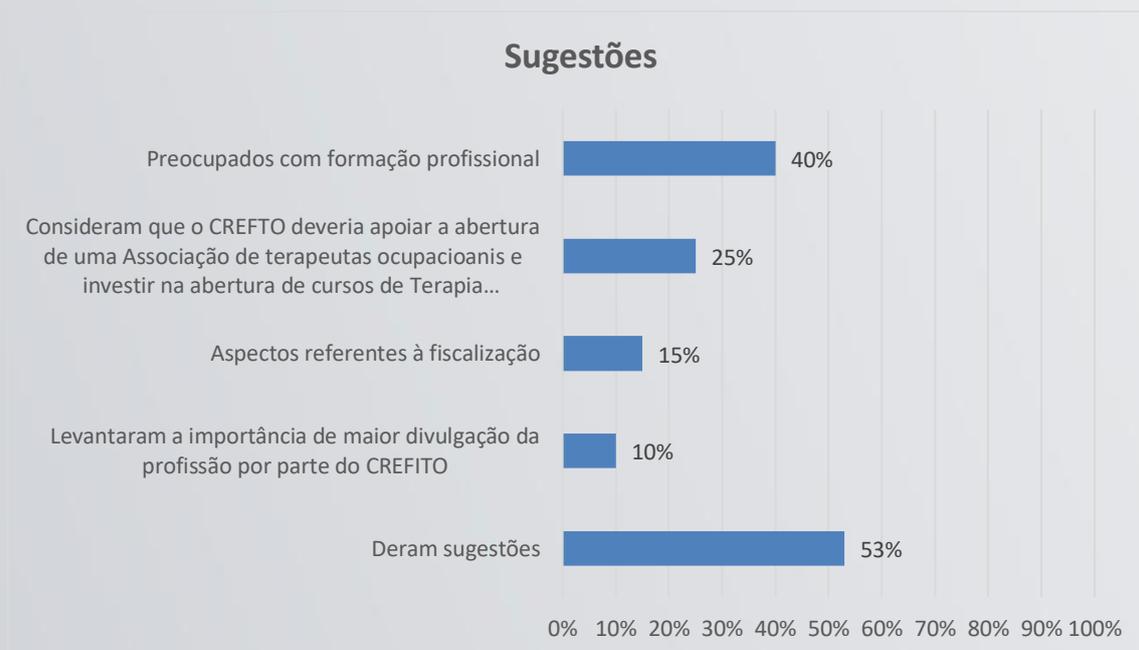
Somente 53% dos profissionais deram suas sugestões, dessas 10% eram sobre o próprio questionário, relatando dificuldade em respondê-lo devido a ter mais de um local de trabalho. Esse aspecto era esperado porque, mesmo informalmente, essa é uma realidade conhecida. Também é desejo que o questionário revele os pontos que necessitem serem trabalhados em prol do desenvolvimento e do reconhecimento da Terapia Ocupacional.

Os profissionais levantaram a importância de maior divulgação da profissão (10%) por parte do CREFITO mostrando o papel e a importância do/a terapeuta ocupacional.

Outros aspectos levantados dizem respeito à fiscalização (15%), sugerindo uma ação mais direcionada ao exercício ilegal da profissão e maior cautela na ação fiscalizatória, principalmente na rede privada, por medo de represália.

Já 25% dos profissionais consideram que o CREFITO deveria apoiar a abertura de uma Associação de terapeutas ocupacionais e também investir na abertura de cursos de Terapia Ocupacional, inclusive no interior.

O maior número de profissionais (40%) está preocupado com a formação profissional, aspecto considerado pelo CREFITO como muito importante, mas que não é função dele.





Por fim, o objetivo dessa pesquisa foi traçar um perfil dos/as terapeutas ocupacionais no Estado da Bahia para, a partir daí, traçar um plano de ação que contemplasse as reais necessidades dessa categoria profissional. Apesar da baixa adesão dos profissionais terapeutas ocupacionais (menos que 8% dos profissionais inscritos responderam ao questionário), foi possível levantar alguns aspectos que merecem atenção especial do CREFITO-7, entre outros, é possível referir que:

1. Os profissionais não diferenciam Conselho de Classe de Associação ou Sindicato, não sabem o que cada uma das entidades de classe faz. Talvez por isso a baixa adesão ao questionário e o descolamento às entidades representativas da profissão. De forma geral, os profissionais não entendem que os órgãos representativos são constituídos por eles próprios e, sendo assim, é claro que as entidades e a categoria são mais fortes quando mais associados se unem. É assim que a entidade de classe pode se impor com mais força nos debates políticos, conseguir atenção da mídia e conquistar vantagens;
2. Apesar do interesse dos/as profissionais na continuidade do processo formativo, esse se dá, na maioria das vezes, no nível das competências técnico-operativas. Poucas/os investiram na dimensão investigativa, possivelmente essa seja a razão da escassa produção científica e do número de publicação específico de Terapia Ocupacional;
3. Poucos profissionais vivenciam a profissão no campo da gestão, situação preocupante visto que essa habilidade empodera o profissional, contribui para o engajamento e reconhecimento da equipe multidisciplinar do/no processo terapêutico ocupacional e, ao favorecer a horizontalidade das relações, essa ferramenta se torna essencial na proteção e divulgação da Terapia Ocupacional.

Em síntese, apesar da baixa adesão ao questionário, foi possível verificar a relevância da aplicação de instrumentos que caracterizam o perfil dos profissionais, e assim identificar lacunas de conhecimentos, habilidades e atitudes que podem ser desenvolvidas e/ou aprimoradas por meio de estratégias junto às demais entidades representativas e, principalmente, aos terapeutas ocupacionais.